

REPERCUSSÃO DO DECADENTISMO-SIMBOLISMO PORTUGUÊS EM PERIÓDICOS CARIOCAS (1890-1892): PRIMEIROS RESULTADOS

The impact of Portuguese Decadentism-Symbolism in Brazilian newspapers
(1890-1892): first results

Alvaro Santos Simões Junior
UNESP/CNPq/FAPESP

RESUMO

Apresentam-se neste texto as diretrizes e os primeiros resultados de projeto destinado a realizar levantamento, indexação, leitura e análise de resenhas, notícias e artigos publicados sobre o decadentismo-simbolismo em periódicos cariocas de 1890 a 1892, período em que se verificava, em Portugal, verdadeira floração de obras inovadoras: *Oaristos*, de Eugénio de Castro, e *Azul*, de António de Oliveira Soares, ambas de 1890; *Horas*, de Eugénio de Castro, *Exame de consciência*, de Oliveira Soares, *Poesias*, de Alberto d'Oliveira, *Flor de pântano*, de José de Lacerda, e *Alma póstuma*, de D. João de Castro, todas de 1891; e, finalmente, *Livro de Aglaïs*, de Júlio Brandão, *Só*, de António Nobre, *Gouaches* (estudos e fantasias), de João Barreira, *Paraíso perdido*, de Oliveira-Soares, *Os simples*, de Guerra Junqueiro, e *Tristia*, de Antero de Figueiredo, obras vindas à luz em 1892. Tal investigação adquire, no Brasil, interesse especial graças à hipótese de que a apreciação crítica de *Missal* e *Broquéis* (1893), de Cruz e Sousa, realizou-se à luz dos conceitos difundidos pelas obras decadentistas-simbolistas portuguesas e por sua recepção crítica. Neste artigo, avalia-se a repercussão dos livros citados em dois dos mais importantes jornais brasileiros do final do século XIX: *Jornal do Comércio* e *Gazeta de Notícias*.

PALAVRAS-CHAVE: decadentismo; simbolismo; crítica literária; *Jornal do Comércio*, *Gazeta de Notícias*.

ABSTRACT

We present in this paper the guidelines and the first results of a project that aims to carry out survey on reviews, news and articles published on Brazilian periodicals about decadentism-symbolism in the period from 1890 to 1892, during which it appeared in Portugal a real flowering of innovative works: *Oaristos*, by Eugenio de Castro, and *Azul*, by António de Oliveira Soares, both from 1890, *Horas*, by Eugenio de Castro, *Exame de consciência*, by Oliveira Soares, *Poesias*, by Alberto d'Oliveira, *Flor de pântano*, by José de Lacerda, and *Alma póstuma*, by D. João de Castro, all from 1891, and finally *Livro de Aglaïs*, by Júlio Brandão, *Só*, by António Nobre, *Gouaches* (estudos e fantasias), by João Barreira, *Paraíso perdido*, by Oliveira Soares, *Os simples*, by Guerra Junqueiro, and *Tristia*, by Antero de Figueiredo, works that came to light in 1892. In Brazil this research acquires special interest thanks to the hypothesis that critical appreciation of *Missal* and *Broquéis* (1893), works by Cruz e Sousa, were made in the light of the concepts spread by the coeval Portuguese works and its critical reception. In this article we evaluate the impact of the books cited in two of the most important Brazilian newspapers from the late nineteenth century: *Jornal do Comércio* and *Gazeta de Notícias*.

KEYWORDS: decadentism; symbolism; literary criticism; *Jornal do Comércio*; *Gazeta de Notícias*.

Introdução

Apresentam-se neste texto as diretrizes e os primeiros resultados de projeto destinado a realizar levantamento, indexação, leitura e análise de resenhas, notícias e artigos publicados sobre o

decadentismo-simbolismo em periódicos cariocas de 1890 a 1892, período em que se verificava, em Portugal, verdadeira floração de obras inovadoras: *Oaristos*, de Eugénio de Castro, e *Azul*, de António de Oliveira Soares, ambas de 1890; *Horas*, de Eugénio de Castro, *Exame de consciência*, de Oliveira Soares, *Poesias*, de Alberto d'Oliveira, *Flor de pântano*, de José de Lacerda, e *Alma póstuma*, de D. João de Castro, todas de 1891; e, finalmente, *Livro de Aglaïs*, de Júlio Brandão, *Só*, de António Nobre, *Gouaches* (estudos e fantasias), de João Barreira, *Paraíso perdido*, de Oliveira Soares, *Os simples*, de Guerra Junqueiro, e *Tristia*, de Antero de Figueiredo, obras vindas à luz em 1892. Tal investigação adquire, no Brasil, interesse especial graças à hipótese de que a apreciação crítica de *Missal e Broquéis* (1893), de Cruz e Sousa, realizou-se à luz dos conceitos difundidos pelas obras decadentistas-simbolistas portuguesas e por sua recepção crítica.

Considerando o intenso debate que, na imprensa portuguesa, cercou o lançamento das obras decadentistas-simbolistas no período de 1890 a 1893¹, é bastante razoável supor que os brasileiros não ficaram indiferentes ao movimento decadentista-simbolista português. Pesquisa anterior em periódicos portugueses já apresentou índices da repercussão no Brasil das obras dos *poetas novos* e das discussões acerca delas. A esse respeito, deve-se mencionar, em primeiro lugar, a estratégia de Pinheiro Chagas, que, sempre refratário às novidades, divulgou seus artigos críticos primeiramente no diário *O País*, do Rio de Janeiro, e somente depois, quando já eram conhecidos nos círculos literários portugueses, divulgou-os no *Correio da Manhã*, folha lisboeta por ele próprio dirigida. No jornal carioca, o medalhão publicou “Os nefelibatas” (9 jan. 1892), artigo em que zombava do protagonismo de Eugénio de Castro e de sua investidura, por René Ghil, como chefe dos *novos*, “Só” (19 jul. 1892), crítica ao livro homônimo de António Nobre, e “Simples” (16 ag. 1892), apreciação da obra lírica de Guerra Junqueiro. Seria do maior interesse acompanhar toda a colaboração do cronista em *O País*, porque provavelmente voltou a pronunciar-se sobre a vida literária portuguesa.

Assim como Pinheiro Chagas, outros portugueses colaboraram em *O País*. Xavier de Carvalho enviava ao jornal carioca uma “Carta de Paris” ou “Carta parisiense”. Guiomar Torresão, por sua vez, mantinha a coluna “De Lisboa ao Rio de Janeiro”. Em outros periódicos, também havia correspondentes portugueses. Um certo Gambetta enviava “Cartas lisbonenses” à *Cidade do Rio*, Ramalho Ortigão, assim como seu amigo Eça de Queirós, colaborava na *Gazeta de Notícias*, Maria Amália Vaz de Camargo era colaboradora assídua do *Jornal do Comércio*. Esses são apenas alguns exemplos, colhidos *à la diable*, que, não obstante, já configuram um intenso intercâmbio jornalístico transatlântico. Pode-se supor que esses correspondentes, que além de jornalistas eram literatos, não deixariam de informar seus leitores brasileiros sobre as novidades literárias portuguesas.

Colheram-se nos próprios jornais portugueses indícios da repercussão da poesia decadentista-simbolista entre os brasileiros. Em 3 de setembro de 1892, o vespertino *Tarde*, de Lisboa, transcreveu paródia satírica publicada em jornal carioca não mencionado (ZIG-ZAGS, 1892, p. 1). O mesmo jornal publicaria em 14 de abril de 1893 “perfis” dos poetas António Nobre, Eugénio de Castro e Alberto de Oliveira saídos no diário *O País*, do Rio de Janeiro (TRÊS POETAS, 1893, p. 1). Na *Semana de Lisboa*, Alberto de Oliveira, ao tratar do livro *Só*, de seu amigo Nobre, afirmaria que o “moderno Brasil” se perturbava “a tomá-lo como um veneno” (OLIVEIRA, 1893, p. 369).

Resta esclarecer, nesta introdução, que a proposta de uma pesquisa sobre o decadentismo-simbolismo português nasceu da percepção da importância de sua repercussão no Brasil para o modo como foram recebidas as primeiras obras simbolistas de Cruz e Sousa. Tal importância ficou evidente com pesquisa nos jornais cariocas sobre a repercussão inicial de *Missal e Broquéis* em 1893², como se demonstra a seguir.

¹ Levantamento já concluído com apoio da CAPES (estágio de pós-doutoramento em 2010-2011) listou meio milhar de textos de vária natureza sobre essas obras e seus autores.

² Bolsa de produtividade em pesquisa (2010-2012).

Ecos do decadentismo-simbolismo português no ano de 1893

Pascoal, responsável pelos “Bombons” do diário *O Tempo*, que escrevera uma breve paródia do *Missal* (PASCOAL, 1893, p. 1), assegurava em 14 de março de 1893 aos seus leitores não ser apenas no Rio de Janeiro que os “nefelibatas” eram alvo de troça:

Em Lisboa, de onde importamos o gênero, todas as pessoas que dispõem de duas [sic] gramas de bom senso, não os poupam.

E é assim, deste modo: “Livro nefelibata. – O distinto poeta Oliveira Soares está escrevendo, com um cabo de uma vassoura, um livro intitulado – *Ancas aduncas. Sua ação sobre as sobrecasacas da moda.*”

Encontra-se isto no *Diário Ilustrado* de 14 de fevereiro do corrente ano.

Aqui, troça-se; lá insulta-se.

Aqui, terra de selvagens, gracieja-se, de luva de pelica. Lá, na velha Europa, a mãe pátria das civilizações modernas, na frase de Álvares de Azevedo (tio)³, agride-se, a cabo de vassoura. (PASCOAL, 1893, p. 1)

Notam-se, no fragmento, três aspectos importantes: o cronista acompanhava a imprensa portuguesa, estava atento à vida literária de Portugal e dava conta de um processo de ridicularização do decadentismo-simbolismo no Rio de Janeiro. No diário *O País*, Coelho Neto, sob o pseudônimo de Anselmo Ribas, publicara, ainda em março de 1893, resenha paródica de *Eucaristus*, livro inexistente, com a qual visava a escarnecer do *Missal*, de Cruz e Sousa (RIBAS, 1893, p. 1).

Em 30 de agosto de 1893, redator anônimo do jornal *O País* informava, na notícia do lançamento de *Broquéis*, que o meio literário carioca impingira a Cruz e Sousa o estigma de “nefelibata”. (Cabe lembrar que esse adjetivo ridicularizador passou a designar a nova poesia após a publicação do prefácio de *Horas*, de Eugênio de Castro.) Com sua breve nota, o jornalista pretendia “defender” o poeta:

... ninguém foi alguma vez acusado mais injustamente. O Sr. Cruz e Souza é simplesmente um parnasiano, que aproveita apenas da nova escola decadista alguns termos; quando muito notam-se aqui e além algumas repetições de que os novos tanto usam e por vezes abusam. Mas o número, a gradação, a sintaxe, o ritmo, a proporção, a forma métrica, tudo é do mais puro, e clássico e consagrado parnasianismo. (BIBLIOGRAFIA, 1893, p. 2)

Para negar que o poeta fosse um “decadista”, alegou que a “degenerescência mística”, principal característica da “nova forma literária”, ocorreria em *Broquéis* apenas como “superfetação meramente literária e extrínseca”. Além disso, estaria ausente do novo livro, em sua opinião, a técnica decadentista-simbolista de “adaptação da forma à ideia poética” (BIBLIOGRAFIA, 1893, p. 2), o que seria mais uma demonstração do parnasianismo da obra. Note-se, portanto, que, com tais garantias, o noticiário pretendia *proteger* o poeta e atrair para ele a boa vontade do público, àquela altura já totalmente indisposto contra os chamados “nefelibatas”.

Em 18 de setembro de 1893, Magalhães de Azeredo, que vinha assinando textos de crítica literária na *Gazeta de Notícias*, avaliou o *Missal*, livro em que, segundo ele, a pobreza “de concepção e de pensamento” era disfarçada com “períodos bombásticos”, “palavras cabalísticas” e “a famosa invenção nefelibata de letras maiúsculas, que dão às palavras mais comuns um ar de

³ Há no esclarecimento entre parênteses alusão jocosa a Álvares de Azevedo Sobrinho, colaborador assíduo e abundante dos periódicos cariocas.

mistério, uma altivez majestosa de ídolos” (AZEREDO, 1893, p. 2). O crítico ainda mencionou, entre as “aberrações de estilo” conhecidas pelos estudiosos, que se obrigavam a “penetrar nas águas-furtadas e nos porões da arte”, “o requinte amaneirado e tortuoso dos nefelibatas” (AZEREDO, 1893, p. 2). A Azeredo, poeta parnasiano e amigo de Bilac, interessava, como se observa, vincular a obra de Cruz e Sousa ao execrado “nefelibatismo” português.

Na apreciação dos *Fantos*, de Lopes Filho, publicada em *A Semana* no final de outubro de 1893, Ascagno Magno explorou com muito bom humor o fato de pertencer o autor à confraria da Padaria Espiritual, de Fortaleza. Como logo se nota, o crítico não apreciou a fornada do padeiro: “a quitanda saiu-lhe bem estragadinha, benza-a Deus!” Por isso, lamentou as opções estéticas de Lopes Filho:

Ah! se o Sr. Lopes, longe de envolver a sua imaginação no manto místico dos nefelibatas, calando-lhe nos pés os sapateiros do decadismo, tivesse-a enfronhado na túnica artística do parnasianismo ou n’uma “toilette” moderna, estamos perfeitamente convencidos de que, em vez de nos dar pão bolorento, ter-nos-ia servido ao paladar, mal acostumado com os acepipes fina e levemente temperados pelos parnasianos, deliciosas ambrosias e confortantes néctares. (MAGNO, 1893, p. 102)

Mais uma vez, o reconhecimento da contribuição dos “nefelibatas” portugueses induzia a uma depreciação da obra poética produzida sob seu influxo.

No final de 1893, iniciava-se na *Gazeta de Notícias* a publicação das “Cartas literárias”, de Adolfo Caminha, depois recolhidas em livro homônimo (1895). Autor do romance *A normalista*, concebido segundo o melhor figurino naturalista, consagrado por Émile Zola, Caminha vinha a público defender o “Naturalismo sadio e vigoroso, límpido e sereno” (A., 1893, p. 1), que se via ameaçado pela “moda” do simbolismo.

Logo no primeiro de seus artigos, que assinava, prudentemente, com suas iniciais invertidas, isto é, C. A., o romancista dava conta, com ironia, de um eufórico acolhimento da nova geração simbolista no país de Eça de Queirós:

Quando em Portugal um grupo atrevido e simpático de moços de talento arvoravam [sic] triunfalmente, a exemplo do que já se figura em França, a bandeira revolucionária do Simbolismo, dando vivas a papá Verlaine, houve, como sempre sucede, um grande e estranho reboição à porta dos cafés onde costumam reunir-se os literatos e poetas da moda.

Citaram-se nomes até então obscuros, e Alberto de Oliveira, António Nobre, D. João de Castro, Eugénio de Castro, João Barreira e outros vieram à baila, sendo aclamados com abundância de coração e de cerveja. (A., 1893, p. 1)

Queria, provavelmente, o articulista insinuar que, dados o lugar das reuniões e o fato de serem ruidosas e regadas a cerveja, não tinham esses jovens autoridade intelectual para dar “como cousa decidida a queda estrondosa do Naturalismo” ou declarar “desmanchada a caranguejola de Zola”, como faziam. No Brasil, a reação não teria sido muito diferente: “esse movimento não passou despercebido e logo rebentaram cogumelos à margem da nova corrente”. Caminha certamente considerava os adeptos da nova escola levianos a ponto de tratar a Arte (com inicial maiúscula) como um “fato que a gente veste hoje, novo em folha, saidinho do melhor alfaiate da rua do Ouvidor, para despir amanhã, simplesmente porque está fora de moda” (A., 1893, p. 1).

No seu segundo artigo, que era, mais precisamente, continuação da primeira “carta”, pretendeu tratar dos “sintomas das *novas aspirações*”. Porém, como seria “demasiado longo” considerar todos os países de “literatura definida”, escolheu restringir-se a Portugal, o que defendeu ser uma decisão legítima: “A notória influência da literatura portuguesa sobre o nosso meio literário

e a velha afinidade que existe entre os dous países justificam esta preferência”. Logo no início do texto, aliás, para lembrar que a “revolução” não ocorria apenas na poesia, citou como exemplo de prosa simbolista, as *Gouaches*, de João Barreira. Antes de entrar na discussão das debilidades dos *novos*, fez questão de reconhecer o “talento original e pujante da plêiade portuguesa”, da qual se destacavam a “figura sombria, quase tétrica de António Nobre, amortalhado numa névoa de infinita melancolia”, e João Barreira, que seria um artista de “recursos invejáveis” e “belíssimo temperamento de naturalista *rafiné*”. Quanto ao *Só*, de Nobre, Caminha argumentou que, se “fosse escrito em prosa fluida e espontânea ou em versos menos torturados”, alcançaria de imediato o “*unânime e empolgante sucesso a que tinha direito*”. Tais palavras vinham em itálicos no jornal porque eram transcritas de artigo de Alberto d’Oliveira (1892). Mais adiante, Caminha declararia preferir manter-se aferrado às suas convicções, apesar de admirar a “febre ardente” dos *novos*, enquanto estes não abandonassem sua “*liturgia cenográfica de bric-à-brac* deliquescente, armada com imagens gastas de clichê, já tantas e tantas vezes reproduzidas” (A., 1893, p. 1). Essa crítica ao ostensivo misticismo decadentista era, por sua vez, tomada de empréstimo à carta-prefácio de Guerra Junqueiro publicada em *O livro de Aglaïs*, de Júlio Brandão (JUNQUEIRO, 1892, p. VIII).

Não obstante as restrições que fez, Adolfo Caminha mostrava-se perfeitamente informado sobre a atuação da nova geração decadentista-simbolista na vida literária portuguesa e sobre os principais autores, em especial António Nobre e João Barreira, e, principalmente, reconhecia de modo desassombrado a “influência da literatura portuguesa” sobre a brasileira e a presença, no Brasil, de adeptos das novas tendências literárias, a despeito de seu propósito, - não confessado, - de conquistar o público da prestigiosa *Gazeta de Notícias* para o seu “retardatário” romance naturalista.

Apesar de já ficar aqui abundantemente indiciada, com tantos exemplos, a discussão e a assimilação do decadentismo-simbolismo no Brasil, cabe ainda mencionar o conhecido “Retrospecto literário do ano de 1893” que Araripe Jr. começou a publicar no hebdomadário *A Semana*, de Valentim Magalhães, em 3 de março de 1894 e concluiu em 16 de fevereiro de 1895 (!). No fragmento de 26 de maio de 1894, o crítico literário lamentou o fato de que o *decadismo* [sic] não tivesse vindo diretamente de Paris para o Brasil, pois “a nova escola escalou por Portugal, aonde [sic] todas delicadezas e todos esses sutis gracejos do engenho humano, engrossam logo, deformam-se e tomam a feição do ridículo”. Mais adiante, disse que Cruz e Sousa teria publicado *Missal* e *Broquéis* com o “intuito claro, manifesto, de acompanhar o nefelibatismo português” (ARIRIPE JR., 1894, p. 338). Tratava-se, mais uma vez, de um claro reconhecimento do influxo da literatura decadentista-simbolista portuguesa sobre os brasileiros.

Pelo exposto, compreende-se que a pesquisa foi concebida com a expectativa de colher na imprensa carioca do período de 1890 a 1892 farta messe de textos, os quais poderão ajudar a narrar a história do simbolismo no Brasil e definir com mais precisão o contexto em que surgiram *Missal* e *Broquéis*. Pretende-se consultar os seguintes periódicos cariocas: *O Apóstolo*, *O Brasil*, *Brésil Républicain*, *A Capital*, *O Carbonário*, *Cidade do Rio*, *Correio da Tarde*, *Correio do Povo*, *Correio Português*, *Corriere d’Italia*, *Corsário*, *Democracia: Órgão de Orientação Republicana*, *Diário de Notícias*, *Diário do Comércio*, *Eco Popular*, *A Estação*, *L’Etoile du Sud*, *A Família*, *Gazeta da Tarde*, *Gazeta de Notícias*, *A Imprensa*, *Imprensa Evangélica*, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Comércio*, *Jornal dos Economistas*, *O Mequetrefe*, *Novidades*, *O País*, *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*, *Revista do Novo Mundo*, *Revista dos Estados Unidos do Brasil*, *Revista Ilustrada*, *The Rio News*, *O Tempo* e *La Voce del Popolo*.

Analisa-se abaixo o resultado da consulta de dois dos mais importantes jornais cariocas do final do século XIX.

Gazeta de Notícias

Brilhantemente dirigida por Ferreira de Araújo, a *Gazeta de Notícias* iniciou a venda avulsa

de exemplares, saindo à frente de seus concorrentes e conquistando um público significativo que dificilmente poderia aderir ao dispendioso sistema de assinaturas. O jornalista que assinava suas crônicas humorísticas como Lulu Senior foi hábil em atrair para a sua folha jovens promissores e medalhões consagrados como José do Patrocínio, Coelho Neto, Olavo Bilac, Raul Pompeia, Aluísio Azevedo e Machado de Assis, além de contar com a colaboração de correspondentes estrangeiros como Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Max Nordau etc.

Considerando-se que esse jornal valorizava a vida literária, era de supor-se que teria dado importância ao movimento decadentista-simbolista ocorrido em Portugal e acompanhado de perto as discussões desencadeadas por obras como *Oaristos* e *Horas*, de Eugénio de Castro, *Só*, de António Nobre, e *Os simples*, de Guerra Junqueiro, para citar somente as mais significativas. Porém, não foi o que ocorreu. Apenas a obra lírica do autor de *A velhice do Padre Eterno* atraiu a atenção de um redator anônimo e de um correspondente estrangeiro da *Gazeta de Notícias*.

Em 30 de junho de 1892, breve nota informava o lançamento de *Os simples*, mas o redator apenas prometia tratar “com vagar”, em outra oportunidade, da obra que então apenas folheara (OS SIMPLES, 1892, p. 1). Quase um mês depois, em 28 de julho, publicar-se-ia um texto, datado de “Paris, 4 de julho”, de autoria do correspondente Domício da Gama, que, em sua breve apreciação, prendeu-se mais aos argumentos da “Nota” do final do volume do que aos poemas propriamente ditos. Para o jornalista brasileiro, que não pôde, ao contrário de “homens de letras” portugueses, ouvir Junqueiro declamar seus poemas líricos ainda inéditos, o poeta ainda era aquele capaz de “embasbacar a gente como jogos de força métrica, com imagens à la Hugo”, mas que também causava desconsolo com as “blasfêmias que cheiravam a rançosas profissões de fé de um liberalismo burguês” de *A morte de D. João*, além de escrever *A velhice do Padre Eterno*, “livro inoportuno, atrasado” (GAMA, 1892, p. 1).

Domício da Gama interpretou como “modéstia de quem não conhece todo o seu valor” o zelo de Junqueiro em datar seus poemas, haja vista que outros livros publicados pouco antes pelos novos tinham-lhe absorvido os “ritmos” e a “estética lírica”. O jornalista atribuiu ao autor de *Os simples* o receio de ser acusado de plagiário ou reles imitador. Pode-se concluir, no entanto, que Junqueiro era movido pela vaidade de quem se julgava um pioneiro e não queria figurar como um retardatário ou mero seguidor de Eugénio de Castro ou António Nobre.

Referindo-se sempre à “Nota” do final do volume, o correspondente parisiense do jornal de Ferreira de Araújo analisou as pretensões de Junqueiro, que alegava ter alcançado da vida e do universo “uma ideia metódica e definitiva”, antepunha implicitamente ao catolicismo oficial o “cristianismo dos simples”, - em suas palavras, “o meigo, o inocente cristianismo popular, feito com a intuição humana dos Evangelhos”, - e propunha seu novo livro como “autobiografia psicológica”. Domício da Gama dispensou-se de avaliar *Os simples* nos termos formulados por seu autor e restringiu-se a exaltar a beleza dos “versos incomparáveis”, que lhe deixavam “os olhos turvos d’água” e “a garganta cerrada de emoção”. O jornalista estava convicto de que seria inadequado agir de outra forma: “Não há sistema, não há símbolo, não há metafísica, nem tenção filosófica que nos desfaça a emoção pura dos versos puríssimos e simples” (GAMA, 1892, p. 1). Com essa manobra *simples* e aparentemente *simplória*, o jornalista carioca deixava em segundo plano o alcance ideológico da obra lírica de quem rompera escandalosamente com o Rei, apresentando-o caricaturalmente como o “caçador Simão”, e então se aproximava dos grupos republicanos portugueses.

Jornal do Comércio

Órgão tradicional da imprensa carioca, fundado em 1827 por Pierre Plancher, o *Jornal do Comércio*, tido e havido como jornal conservador e “sério”, acompanhou de perto o movimento literário europeu no período de 1890 a 1892 graças às colaborações de Maria Amália Vaz de

Carvalho, Edouard Rod, Theodore Child e Alter Ego. Porém, publicaram-se apenas três textos sobre os decadentistas-simbolistas portugueses.

Em 16 de julho de 1892, Raul (?), no seu rodapé intitulado “O que vai por aí” e datado de “Lisboa, 28 de junho de 1892”, deu inicialmente breve notícia das divisões entre os simbolistas franceses para depois tratar da chegada do simbolismo a Portugal pelas mãos de Eugénio de Castro, que, segundo o cronista, passara a combater os “poetas nacionais” por julgá-los “no tocante a vocabulário de uma pobreza franciscana” e “poltrões” a ponto de temerem “o vertiginoso correr do *expresso da Originalidade*”. A escola logo teria recebido adesões de *novos* que se declararam, como o mestre, “nefelibatas”. Dessa forma, Raul resumiu o impacto dos prólogos de *Oaristos* e *Horas*, de Eugénio de Castro. Afirmou, no entanto, que, apesar de ser tratado com desprezo e de espantar-se com as extravagâncias dos novos poetas, o público português foi com os novos poetas benevolente, limitando-se a chamá-los de “*nefelibatas*, quer dizer, abstratos, aéreos, que navegam pelas nuvens, como Ulisses *navegava pelas ondas*” (RAUL, 1892, p. 1). Na verdade, ao contrário do que dizia o cronista, a designação passou a ser utilizada em Portugal e depois no Brasil como uma ofensa e arma de combate, apesar de ter sido inicialmente o próprio Eugénio de Castro quem assim se denominara no prólogo das *Horas*.

Para Raul, apenas o poeta de *Oaristos* tinha talento; os outros *novos* seriam apenas “operários” sem “gramática” e “harmonia”, demolidores da rima. Por irritar-se com seus companheiros canhestros, Eugénio de Castro teria com eles rompido mediante artigo publicado no *Jornal do Comércio*, de Lisboa, onde os chamara de “bando de bêbedos voltando de uma romaria” e acusara-os de plágio. O correspondente do jornal brasileiro simplificou bastante o caso, pois não disse que o poeta das *Horas* fora depois obrigado a recuar publicamente da acusação e que o citado artigo fora escrito quando o *Só*, de António Nobre, atraía a atenção do público e dos intelectuais por seu valor intrínseco e em consequência do acirrado proselitismo promovido por Alberto d’Oliveira. Raul mencionou também a polêmica entre Eugénio de Castro e Jaime Vitor, que reduziu a uma troca de insultos⁴, mas garantiu que o público ficara satisfeito com as declarações de independência por parte do poeta dos *Oaristos*, pois acreditava-se que, assim, livre dos exageros e extravagâncias nefelibatas, ele poderia “ir longe”⁵.

Além de realizar esse breve balanço do movimento decadentista-simbolista português, Raul noticiou em 4 de julho de 1892 a publicação de *Os simples*, de Guerra Junqueiro. De seu rodapé, datado de “Lisboa, 13 de junho de 1892”, reservou duas colunas e meia para tratar do novo livro, que considerou “ao mesmo tempo a obra de um pensador e de um homem de letras”. Em sua obra lírica, Junqueiro teria pretendido representar a “vida singela e primitiva” de “boas e santas criaturas”, encarnando em um “certo número de personagens” como um pastor, a moleirinha, o cavador etc. Tal representação teria sido, porém, coordenada pelo “ponto de vista particular” ou pelo “estado de consciência” do artista, o qual, assim, se confundia com suas personagens (RAUL, 1892, p. 1).

O cronista lamentou não dispor de mais espaço para tratar do novo livro e do seu autor em função dos outros assuntos que então solicitavam sua atenção. Em suas palavras, não podia impunemente “contrariar o geniozinho caprichoso, a índole variável, borboleteadora desta menina que se chama crônica”. Mas houve ainda espaço no seu rodapé para qualificar Guerra Junqueiro como “*virtuose* incomparável”, considerar alguns poemas do livro como “trechos magníficos, partos de uma imaginação opulenta, de uma alma sonora e generosa” e atribuir ao livro como um todo, entre outras qualidades, “uma elevadíssima concepção de arte” (RAUL, 1892, p. 1). Tratava-se, está claro, de elogios convencionais de notícias literárias. O único senão mencionado ficava por conta de certas “nefelibatices”...

⁴ Sobre esses episódios, v. SIMÕES JR, 2013.

⁵ RAUL. O que vai por aí. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 1, rodapé, 16 jul. 1892.

Em 24 de julho de 1892, Maria Amália Vaz de Carvalho publicou no *Jornal do Comércio* a sua apreciação de *Os simples*, de Guerra Junqueiro. O artigo iniciou-se por um preâmbulo sobre a poesia decadentista-simbolista em Portugal e na França. Nele atribuía-se aos jovens poetas como Eugénio de Castro, António Nobre, Alberto de Oliveira e Oliveira Soares, entre outros “moços namorados pela novidade e pela extravagância das últimas escolas francesas”, a pretensão de renovar formalmente a poesia portuguesa e de substituir a “expressão direta dos parnasianos” pela “sugestiva expressão simbólica”. Entre os franceses, destacar-se-ia Verlaine, que seria um “sincero” e um “desequilibrado”, que, por isso, produzira “versos incoerentes”. A portugueses e franceses, a cronista fez a mesma crítica: “O que eu censuro nas modernas escolas é antes de tudo o serem escolas, depois é o terem sacrificado inteiramente a ideia à forma, o sentimento ao processo, a verdade à novidade.” Segundo Maria Amália Vaz de Carvalho, os “artifícios literários” de origem decadentista-simbolista Guerra Junqueiro não os devia aos nefelibatas portugueses, ao contrário do que estes proclamavam publicamente, mas, por “fraqueza”, à “escola artificial” de Verlaine e outros franceses, o que, entretanto, não punha em risco a sua individualidade artística (CARVALHO, 1892, p. 1). Com essas palavras provavelmente referia-se à tentativa, perpetrada por Alberto de Oliveira, de anexação de Junqueiro ao grupo neogarrettiano. Tal propósito podia ser constatado na resenha de *O livro de Aglaïs*, de Júlio Brandão, publicada nas *Novidades*, de Lisboa, em 28 de abril de 1892 (p. 3).

Considerando *Os simples* um “poema das almas humildes, rudimentais, que vivem em contato direto com a natureza”, a cronista passou a exaltar as qualidades e lamentar os defeitos dos principais textos reunidos no volume. Quanto às deficiências, observou que o ritmo empregado uniformemente “sem variedade acaba[va] finalmente por ser monótono e às vezes impróprio para a poesia” e que a filosofia do poeta era constituída de “fragmentos desconexos” das matrizes naturalista e panteísta, incompatíveis entre si. Ocasionalmente “declarações jacobinas” e “ceticismos voltairianos” permitiram à cronista ressaltar a contraditória presença, no espírito do poeta, de um “misticismo ingênito que [...] o inspira[va] quase sempre”, por “atavismo religioso”, de “ironia adquirida” e de “dúvida mordaz que esteriliza[va] tanta vez a sua sensibilidade” (CARVALHO, 1892, p. 1).

Maria Amália Vaz de Carvalho colocou também em dúvida a verossimilhança ou coerência interna das personagens rústicas criadas por Junqueiro. Segundo ela, Junqueiro não teria encontrado “nas províncias portuguesas” o amor que o montanhês de “In pulvis”, segunda parte do poema intitulado “Cadáver”, demonstrava pelo castanheiro, evocando, diante da lareira onde ardia lenha fornecida pela árvore morta, “todas as cenas do passado” em que ela tomara parte. Em “O cavador”, julgou que a revolta e a tristeza manifestadas pelo trabalhador pertenciam muito mais ao poeta do que a sua personagem: “Deu [Junqueiro] a sua consciência, a sua revolta, o seu sentimento das desigualdades sociais a rude filho da terra ...” (CARVALHO, 1892, p. 1).

A propósito das queixas melancólicas do poema “Regresso ao lar”, Maria Amália Vaz de Carvalho concedeu, acacianamente, que “a vida é triste”, mas exortou o poeta a não “maldizê-la” porque era, com seu talento, “um dos seus raros eleitos”. A partir daí, sucederam-se em cascata generosos conselhos a Guerra Junqueiro, que devia desvencilhar-se da “ironia esterilizante”, identificar-se com a “Natureza”, tornar-se como ela “multiforme” e “multicor” e limitar-se ao “mistério das cousas, insondável e sagrado”, abdicando de procurar conhecer “o princípio e o fim dos fenômenos” à sua volta, com o que iria fatalmente conquistar “aquela suprema tranquilidade, aquela serena paz quase divina que caracterizam os poetas genuínos”. Além disso, devia o poeta evitar as “declarações jacobinas contra o Catolicismo”, as “notas em prosa” acrescentadas aos versos e outras humilhantes “transigências” e “doutrinas” consideradas pela cronista “mesquinhas, limitadas e convencionais”. Maria Amália Vaz de Carvalho encerrou o seu longo artigo conclamando Guerra Junqueiro a deixar “grasnar [...] a vaidade das rãs” e “uivar a inveja das hienas”, pois havia escrito “um belo e grande livro” (CARVALHO, 1892, p. 1). Apesar da relativa

boa recepção por parte da imprensa portuguesa, *Os simples* receberam críticas, algumas das quais contundentes. É, no entanto, razoável supor que poderiam ter sido motivadas por ressentimentos pessoais e/ou antagonismos políticos, haja vista a atuação política do autor. A cronista do *Jornal do Comércio* referia-se a esses textos.

Conclusão

Os primeiros levantamentos concluídos não permitem ainda vislumbrar uma intensa repercussão na imprensa carioca do movimento decadentista-simbolista português. A messe obtida foi bastante modesta principalmente na *Gazeta de Notícias*, mas também no *Jornal do Comércio*, embora este jornal acompanhasse de perto os poetas simbolistas franceses. O mais curioso e até mesmo surpreendente é que as obras centrais dos chamados nefelibatas, - a saber, *Oaristos* e *Horas*, de Eugénio de Castro, e *Só*, de António Nobre, - não receberam atenção desses dois periódicos, enquanto uma obra secundária como *Os simples* foi noticiada e apreciada em breves resenhas. Muito provavelmente Guerra Junqueiro beneficiava-se do prestígio (ou fama) que lhe proporcionaram no Brasil duas obras anteriores, *A morte de D. João* e *A velhice do Padre Eterno*, e provavelmente do então recente engajamento político nas hostes republicanas.

Referências

- A., C. Cartas literárias. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 6.-7. col., 13 nov. 1893.
- _____. Cartas literárias. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 5.-6. col., 14 nov. 1893.
- ARARIPE JR., T. de A. Influência do decadismo no Brasil. Cruz e Sousa. A “Padaria Espiritual”. *A Semana*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 43, p. 338-9, 26 maio 1894.
- AZEREDO, Magalhães de. Homens e livros. O Missal. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 7.-8. col., p. 2, 1.-2. col., 18 set. 1893.
- BIBLIOGRAFIA. *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 3. col., 30 ag. 1893.
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Os simples. A poesia contemporânea – Guerra Junqueiro. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 2, 3.-6. col., 24 jul. 1892.
- CARVALHO, Xavier de. De Paris. *O Português*, Lisboa, p. 1, 1.-3. col., 23 ag. 1891.
- CASTRO, Eugénio de. A poesia moderna. *Jornal do Comércio*, Lisboa, p. 1, 5.-6. col., 12 jun. 1892.
- _____. Carta ao Sr. Conselheiro Chagas. *Jornal do Comércio*, Lisboa, p. 1, 5.-7. col., 7 fev. 1892.
- GAMA, Domicio da. Os simples. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 6.-7. col., 28 jul. 1892.
- JUNQUEIRO, Guerra. Meu prezado amigo... In: BRANDÃO, Júlio. *O livro de Aglaïs*. Porto: Tipografia Ocidental, 1892.
- MAGNO, Ascagno. Poesia e poetas. *A Semana*, Rio de Janeiro, p. 101, 2.-3. col., p. 102, 1. col., 28 out. 1893.
- OLIVEIRA, Alberto de. Cartas da última hora. *Revista de Portugal*, Porto, v. 4, n. 3, p. 433-52, mar. 1892.
- _____. O livro de Aglaïs por Júlio Brandão. *Novidades*, Lisboa, p. 3, 4. col., 28 abr. 1892.
- _____. Só por António Nobre. *Revista de Portugal*, Porto, v. 4, n. 4, p. 686-90, abr. 1892.
- _____. António Nobre. *A Semana de Lisboa*: Suplemento do *Jornal do Comércio*, v. 1, n. 47, p. 369-70, 19 nov. 1893.
- OS SIMPLES. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 5. col., 30 jun. 1892.
- PASCOAL. Bombons. *O Tempo*, Rio de Janeiro, p. 1, 4. col., 14 mar. 1893.
- _____. Bombons. Prece à chuva (influências de leituras novas). *O Tempo*, Rio de Janeiro, p. 1, 8. col., 27 fev. 1893.
- RAUL. O que vai por aí. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 1, rodapé, 4 jul. 1892.
- _____. O que vai por aí. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 1, rodapé, 16 jul. 1892.
- RIBAS, Anselmo. Inauditismo. *O País*, Rio de Janeiro, p. 1, 1. col., 5 mar. 1893.
- SIMÕES JR., Alvaro S. Eugénio de Castro, Alberto de Oliveira e a tiara simbolista. In: WEINHARDT, Marilene et al.

Ética e estética nos estudos literários. Curitiba: Ed. UFPR, 2013. p. 275-90.

TRÊS poetas. *Tarde*, Lisboa, p. 2, 3. col., 14 abr. 1893.

VÁRZEA, Virgílio. Os decadentes em Portugal. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1-2, 10 mar. 1893.

ZIG-ZAGS e tic-tacs. *Tarde*, Lisboa, p. 1, 3. col., 3 set. 1892.

Recebido em: 11 mar. 2015.

Aprovado em: 22 abr. 2015.